

“A FAVOR DE QUEM, CONTRA QUEM?”: O REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO DA EDUCAÇÃO POPULAR COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA E LUTA DA POPULAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE SÃO CARLOS/SP

Sara Ferreira de **Almeida** – UFSCar

Agência Financiadora: CAPES

Resumo

O artigo traz reflexões acerca de referencial teórico metodológico no campo da Educação Popular como ferramenta de construção de conhecimentos que possam se converter em instrumento de luta e resistência frente à realidade vivenciada pela população de rua de São Carlos/SP. Visando ressaltar a necessidade de pesquisar com esse coletivo e não sobre ele, o diálogo e o convívio metodológico apresentam-se como processos que auxiliam o pesquisar no campo da educação com compromisso social. Assim, o desvelamento dos saberes da população de rua privilegiou a participação dos sujeitos, tendo sido realizadas rodas de conversa e entrevistas para levantamento do universo temático dos participantes. Da análise dos dados emergiram categorias que possibilitaram compreensão mais detida sobre a realidade investigada que é sustentada por diversos processos educativos que contribuem com dinâmicas de resistência dentro da lógica que oprime. Acredita-se, com isso, ter colaborado com o debate acerca das pedagogias dos grupos populares.

Palavras-chave: Educação Popular, Processos Educativos, Viver na Rua, População de Rua.

“A FAVOR DE QUEM, CONTRA QUEM?”: O REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO DA EDUCAÇÃO POPULAR COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA E LUTA DA POPULAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE SÃO CARLOS/SP

INTRODUÇÃO

O presente artigo debate a utilização de metodologia científica que valoriza outras epistemologias, num movimento de ruptura com a ideologia de que conhecimentos válidos somente são produzidos nos limites das universidades. Busca

refletir sobre possibilidades de enfrentamento de injustiças sociais por meio da produção de conhecimentos que surgem na condição existencial de pessoas que vivem na rua na cidade de São Carlos/SP, demarcando uma postura de combate às situações de desigualdade e injustiça reproduzidas no seio da sociedade capitalista.

A existência crescente de pessoas que vivem na rua no contexto urbano brasileiro (BURSZTYN, 2003), bem como os processos de marginalização e invisibilização a que estão submetidas, somada à penetração de drogas baratas e altamente viciantes como o crack encontrado em 98% dos municípios brasileiros (MOURA, 2010), faz com que a condição existencial da população de rua no Brasil se configure como uma questão social que desafia não só o Estado, mas também a ciência social que busca compreender as diferentes dimensões desse modo de vida.

Há dois movimentos teóricos relacionados à produção acadêmica acerca da população de rua brasileira. O primeiro que a define como corpo social que, sem trabalho e sem casa, utiliza a rua como espaço de moradia e sobrevivência (VIEIRA et al, 1992). O segundo designa a população de rua como um conjunto ou um grupo de pessoas que deixa de ser composto por indivíduos incapazes de tomar suas vidas em suas próprias mãos, para sujeitos que, com diferentes trajetórias e motivações, são levados a vivenciar seus cotidianos fora de uma moradia convencional. Mulheres e homens capazes de desenvolver “práxis transformadora, constituindo movimentos de luta por seus direitos e reivindicações históricas” (MATTOS; FERREIRA, 2004, p. 55).

Produzir conhecimento na perspectiva do segundo movimento coloca-se como contraponto ao modo de produzir ciência numa perspectiva tradicionalista e funcional (DUSSEL, 2001), cuja lógica vem contribuindo massivamente com a mercantilização da educação e com a instrumentalização das ciências e das instituições do conhecimento à lógica da reprodução do capital (ARROYO, 2014). Dussel (1977a) coloca que a ciência não é neutra. Ela elege seus temas de acordo com interesses diversos (políticos, econômicos, culturais) havendo, com isso, dependência cultural em todos os campos científicos, especialmente em relação à Europa e aos Estados Unidos. Essa dependência faz com que os cientistas funcionais repitam a ciência dita de centro, ficando a ciência das periferias sufocada, morta (DUSSEL, 1977b).

Para Santos e Menezes (2010, p. 16-17), a raiz dessa questão está no projeto da colonização que “procurou homogeneizar o mundo, obliterando as diferenças culturais”, desperdiçando-se muitas experiências sociais e reduzindo-se “a diversidade epistemológica, cultural e política do mundo”. Arroyo (2014, p. 32) acrescenta que a

diversidade pedagógica foi reduzida ao se “desperdiçar e inferiorizar processos educativos, de produção de saberes, valores, de humanização dos povos e coletivos decretados seres inferiores, sem saberes ou produtores de saberes inferiores”.

Diante desse cenário, a Educação Popular se coloca como possibilidade de produção de conhecimentos comprometidos com um projeto de sociedade justa e igualitária. Arroyo (2014, p. 27) coloca que “o mais importante na pedagogia da prática da liberdade e do oprimido”, cujo conjunto de saberes fundamentam o campo da Educação Popular,

[...] não é que ela desvia o foco da atenção pedagógica deste para aquele método, mas dos objetos e métodos, dos conteúdos e das instituições para os sujeitos. Paulo não inventa metodologias para educar os adultos camponeses ou trabalhadores nem os oprimidos, mas reeduca a sensibilidade pedagógica para captar os oprimidos como sujeitos de sua educação, de construção de saberes, conhecimentos, valores e cultura.

Nesse sentido, a ação do/a pesquisador/a educador/a popular crítico/a deve se pautar na radical busca pela produção de conhecimentos elaborados a partir da concretude histórica dos sujeitos que são, nesse contexto, pesquisadores também. Suas percepções e elaborações sobre o mundo da vida devem ser compartilhadas com as concepções da pessoa que media os processos da pesquisa, desvelando saberes que se voltam para a mesma realidade para transformá-la, e essa práxis necessita ser permeada de confiança e esperança no futuro, além de um compartilhamento de utopias que, de acordo com o postulado freireano, diz respeito à utopia concreta, ou seja, para ele o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, mas a dialetização dos atos de denunciar e anunciar. Ato de denunciar a estrutura desumanizante e anunciar a estrutura humanizante (FREITAS, 2010).

O CONVÍVIO E O DIÁLOGO COMO FERRAMENTAS DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO

O convívio é o cerne do diálogo, a chave que abre as possibilidades para sua concretização entre os sujeitos e os grupos. “Conviver é estar junto, olhar nos olhos, conversar frente a frente” (OLIVEIRA; STOTZ, 2004, p. 15). O diálogo como princípio da educação libertadora que fomenta processos de pesquisa social crítica, pressupõe que mulheres e homens mediatizados pelo mundo, interajam de forma horizontal, onde a força do argumento supera a relação pautada em lugares de poder que cada um e cada

uma ocupa. Tanto o diálogo como o convívio são exigências existenciais, encontros em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado. Sendo assim, o diálogo não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas (FREIRE, 2005).

O diálogo, segundo Freire (2005) se sustenta sobre três bases sólidas: o amor pela humanidade, pela vida e pelo Planeta; a fé nos seres humanos e a humildade. As três juntas, somadas à confiança e à esperança, formam a essência da dialogicidade. O amor é o compromisso com os homens e mulheres, com sua causa e sua libertação. “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os seres humanos, não me é possível o diálogo” (FREIRE, 2005, p. 92). Não se trata do amor romântico entre duas ou mais pessoas, mas a emoção que movimenta os homens e as mulheres a se solidarizarem uns com os outros, para que juntos/as lutem pela vida, pela dignidade e por direitos.

A humildade é a capacidade de se colocar frente ao outro e de se ver no seu lugar. Tarefa árdua, porém necessária ao diálogo e à luta pela transformação. A capacidade de se enxergar no mesmo patamar do outro, de não se achar superior, mais sábio, mais iluminado, consolida uma postura humilde, sem a esse projeto seria inviabilizado. Em síntese, a concretização da atitude dialógica demanda o convívio que, na pesquisa científica deve ser metodológico para que desencadeie vivências geradoras de conhecimentos. No entanto, como são atos humanos poderão ultrapassar o puro ato racional científico. Para Brandão (2007, p. 12),

A própria relação interpessoal e o próprio dado da subjetividade são partes de um método de trabalho, por isso que a gente vai falar [...] em envolvimento pessoal do pesquisador com as pessoas, com o contexto da pesquisa e assim por diante, como dados do próprio trabalho científico.

Iniciar o trabalho de campo em local onde o/a pesquisador/a já convive com os sujeitos da pesquisa e com a realidade dos mesmos, passa pela definição e delimitação clara do que será observado, perguntado, analisado e essa delimitação do que vai ser pesquisado é o que conduz o olhar, o ouvir, “o próprio ver do pesquisador” (BRANDÃO, 2007, p. 13). Se todas as possibilidades apresentadas por uma dada realidade não forem minimamente pré-selecionadas, existirá grande chance do trabalho de campo se estender mais do que o necessário, não coletar as informações centradas no objetivo do estudo e, ainda, não produzir as reflexões necessárias que atinjam a questão de pesquisa.

O DESPONTAR DO UNIVERSO TEMÁTICO DA POPULAÇÃO DE RUA

Os aspectos da prática social que foram investigados na pesquisa que propiciou as seguintes reflexões, não são universais, nem eternos. São históricos e constituídos por seres humanos que estão sendo no mundo. De acordo com esse fato, e na busca por garantir a máxima coerência com o referencial teórico-metodológico da Ciência Social Crítica, compreendido também nos pressupostos da Educação Popular, a investigação lançou mão do diálogo e convívio metodológico que foram ferramentas essenciais ao desenvolvimento da pesquisa com compromisso social e que contribuíram com o desvelamento da prática social *viver no mundo da rua* (Figura 1).



Figura 1. Esquema que ilustra a capilaridade entre os campos em que a pesquisa se situa.

O trabalho de campo foi realizado em três momentos distintos, sendo que no primeiro foram desprendidos dois movimentos, quais sejam: 1a) aproximação e inserção no campo de pesquisa e 1b) aproximação da população de rua. O segundo momento do campo foi de cunho exploratório e objetivou o levantamento de temas geradores e o terceiro se constituiu em um mergulho epistemológico na realidade da rua, a partir do aprofundamento dos temas geradores com cinco sujeitos de pesquisa (Figura 2).

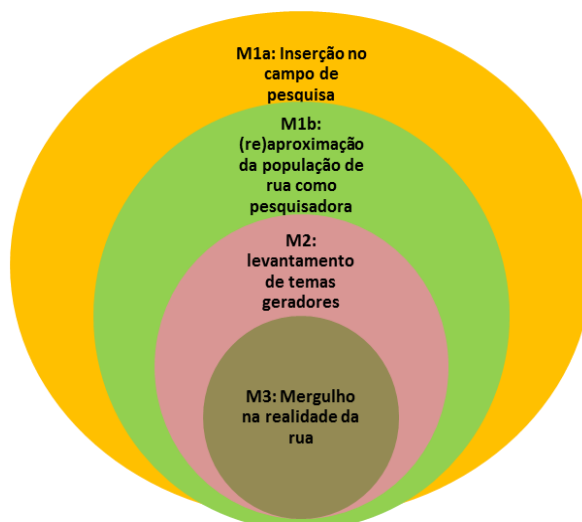


Figura 2. Diagrama ilustrativo dos momentos do trabalho de campo realizado na pesquisa, sendo que M1, M2 e M3 dizem respeito a Momento 1, 2 e 3, respectivamente.

O momento 2 do trabalho de campo foi amparado pela sugestão dos participantes da pesquisa que defenderam que o levantamento dos temas geradores deveria ser feito em grupo e não individualmente, dado que cada pessoa pensa de uma forma em decorrência de suas experiências interpessoais e ouvir muitos pontos de vista sobre o viver na rua seria mais rico. Freire (2005, p. 90) coloca que dizer a palavra é pronunciar o mundo e o ser humano se faz e se refaz não no silêncio, mas na palavra que transforma o mundo. “Existir humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado [...] se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar”.

Diante disso, foram realizadas 6 rodas de conversa em um espaço aberto da cidade de São Carlos, possibilitando a livre participação das pessoas que vivem na rua. A leitura corrida de todo do diário de campo possibilitou o destaque de palavras e frases que compuseram o universo temático dos sujeitos. “É na realidade mediatizada, na consciência que dela tenhamos [...] que iremos buscar o conteúdo programático da educação” e essa busca inaugura “o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático do povo ou conjunto de seus temas geradores” (FREIRE, 2005, p. 101). Esse procedimento correspondeu ao que o mesmo autor coloca como princípio fundante do processo investigativo em que, o que se pretende “investigar, realmente, não são os seres humanos, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, [...] a sua visão do mundo, [...] seus ‘temas geradores’” (FREIRE,

2005, p. 101). O quadro 1 demonstra como se deu o processo de levantamento dos temas geradores.

Quadro 1. Organização do universo temático dos participantes da pesquisa.

ELEMENTOS TEMÁTICOS GERAIS	ELEMENTOS TEMÁTICOS AGRUPADOS	TEMAS GERADORES
<p>Caminhada de rua; Corre; Banca; O respeito é de lei; Manguear; Vivendo e aprendendo; A vida na rua é muito difícil; Chacina; Moradores de rua; Diferença entre morador de rua e dependente químico; Igualdade; Solidariedade; Humildade; Cultura da rua; Tem que aprender a viver na rua; Adicção; Recaídas; Bebida; Cigarro; Drogas; Compartilhar; A rua é um misto de tristezas e alegrias; Na rua tenho o que não tinha em casa (atenção, carinho, cuidado, amor); Muitas vezes quem está na rua busca culpar todo mundo e não reconhece os erros que cometeu; A rua é o último estágio daquele que não se encaixa na sociedade, na família, daquele que não quer ou não consegue ter ou assumir os compromissos que são colocados, é fuga; Quem não respeita não sobrevive; Amizade; Violência; Família; Liberdade é relativa; Ninguém quer ou gosta realmente de viver na rua; Bancas se formam porque quem está na rua tem uma grande necessidade de compartilhar histórias de vida, memórias e sofrimentos; É raro ver pessoas solitárias; Há uma rede de comunicação e solidariedade; Às vezes aprende pela violência, infelizmente; Morte; Praça é pública, não podemos ser expulsos; Somos retirados das praças com frequência; Nas bancas tem mais que pinga e droga, têm palavras, sentimentos, memórias, trocas, alegrias, tristezas; Não se define uma banca pelos objetos, mas pelas pessoas e seus comportamentos; É preciso ter jogo de cintura para conseguir sobreviver nessa situação e se jogar; Centro POP e albergue não deixa todos que vivem na rua entrar; Manguear; Fumar; Beber; Enfrentar o preconceito; Fumar pedra; Arremessar bituca; Corpo a corpo para conseguir coisas; Alimentação; Na rua passa fome quem quer; Na rua cada um tem uma visão e experiência diferente; Não é fácil ser mulher e estar em situação de rua; Gostar de drogas e liberdade; “Rueiro”, não morador de rua; Aumento das pessoas vivendo na rua; São Carlos é cidade boa, tem muita assistência; Doação de comida (sopa); Doação de roupas; Atual prefeito (Paulo Altomani) não gosta de morador de rua; Evangélicos não são bons com moradores de rua; Para conhecer a vida na rua não é preciso viver nela, mas é preciso se aproximar do ser humano; Quem vive na rua são pessoas, seres humanos que têm histórias, trajetórias; Ser humano se afastou do ser humano; Pessoas cuidam mais de cachorros que de seres humanos; Não se trata de conhecer o morador de rua, o andarilho, o mendigo, mas a pessoa, o ser humano que é; É possível conhecer e entender a vida na rua por meio das histórias... (continua).</p>	<p>Experiência vivida; Álcool e droga; Olhar da sociedade;</p> <p>Permanente / Passageira</p> <p>Valores da vida na rua (boa/ruim, fácil/difícil)</p> <p>Relações interpessoais</p> <p>Respeito, solidariedade, ajuda</p> <p>Regras, orientações, condutas,</p> <p>Motivações para sair</p> <p>Motivos que levam à rua</p> <p>Condições atuais na rua</p>	<p>1) Histórias de vida na casa e na rua;</p> <p>2) Morar / viver na rua: diferenças e particularidades;</p> <p>3) Uma escola chamada rua;</p> <p>4) A constância e a fugacidade da vida na rua;</p> <p>5) O olhar de quem não vive na rua sobre a vida na rua;</p> <p>6) Viver na rua.</p>

O tema gerador *Histórias de vida na casa e na rua* emergiu das diferentes trajetórias de vida dos sujeitos que, em diálogo sobre questões que perpassam a vida na rua, acabaram trazendo fragmentos de suas histórias de vida, antes, durante e depois de “cair no mundão” (Rafaela). Mesmo a captação de histórias de vida não tendo se configurado como procedimento central da investigação, elas surgiram intensamente nas pronúncias dos interlocutores, uma vez que o acúmulo de experiências ao longo da vida também funciona como fator que condiciona seus modos de estar sendo no mundo da rua, e, os sentidos que vão sendo dados ao viver na rua, guardam relação com os já desenvolvidos sobre o viver na casa. O tema *Morar / viver na rua: diferenças e particularidades* surgiu de narrativas em que, ora reconhecem que vivem na rua, ora que moram na rua. Já o tema *Uma escola chamada rua* apontou com mais detalhes os processos educativos desencadeados nas experiências das pessoas que vivem na rua. A categoria *Uma escola chamada rua* diz respeito diretamente ao objetivo da pesquisa que foi desvelar processos educativos desencadeados nas experiências de pessoas que vivem na rua e também apareceram em diversas falas dos sujeitos.

A *constância e a fugacidade da vida na rua* surgiu nos relatos a respeito da fugacidade ou permanência da vida na rua, cujos relatos expressaram o paradoxo esperança / desesperança de sair da rua que esteve diretamente condicionado ao tema gerador *O olhar de quem não vive na rua sobre a vida na rua*, uma vez que esse mundo não está isolado, pelo contrário, situa-se dentro de uma totalidade que o cria e o fortalece ao mesmo tempo em que a nega e busca ocultá-lo. Por fim, o tema gerador *Viver na rua* foi constantemente demandado pelos sujeitos de pesquisa em todas as rodas de conversa, quando foi evidenciada a demanda pela busca de ferramentas que potencializassem mudanças sobre o olhar da sociedade mais ampla, direcionado à realidade da rua.

DO UNIVERSO TEMÁTICO ÀS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Finalizada a etapa de levantamento e interpretação dos temas geradores da população de rua participante da pesquisa, foi desenvolvido roteiro semiestruturado (Quadro 2), cujas 5 entrevistas individuais realizadas, possibilitaram o desdobramento das etapas de codificação e descodificação de situações existenciais dos sujeitos que vivem na rua. A codificação é a representação dessas situações e a descodificação configura-se como uma etapa de análise crítica da situação codificada. Freire (2005, p. 118) coloca que:

Sendo as mulheres e homens, seres em ‘situação’, se encontram enraizados em condições tempo-espaciais que os marcam e a que eles igualmente marcam. Sua tendência é refletir sobre sua própria situacionalidade, na medida em que, desafiados por ela, agem sobre ela. Esta reflexão implica, por isto mesmo, algo mais que estar em situacionalidade, que é a posição fundamental. Os seres humanos são porque estão em situação. E serão tanto mais quanto não só pensem criticamente sobre sua forma de estar, mas criticamente atuem sobre a situação em que estão.

Quadro 2. Roteiro semiestruturado de entrevista.

ROTEIRO DE ENTREVISTA	
Data: Horário: Entrevistado/a: Idade:	
QUESTÕES	PROBLEMATIZAR
Quem é _____? Conte sua história.	História de vida do entrevistado/a.
Você vive ou você mora na rua? Por quê? Há diferença? Explique melhor.	Extrair a essência da realidade da rua que ultrapassa a questão material da moradia. Em conversas anteriores, percebi que a vida na rua é muito complexa e se dá por diversos motivos e fatores, muito além da ausência de moradia. Observar se falam sobre motivos que levaram à rua, tais como: DQ; conflitos familiares; desemprego etc.
Há quanto tempo você vive / mora na rua? Como foi sua chegada nela?	Ao chegar na rua, sem experiências, a pessoa encontra meios de aprender a viver nessa condição. Observar os aprendizados.
Como é a vida na rua? Você gosta de viver na rua? Por quê? O que tem na rua que você acha bom, o que tem que acha ruim? O que é a vida para você?	Extrair detalhes da vida na rua, suas dimensões objetivas e subjetivas.
Você aprende vivendo /morando na rua? O que? Esses aprendizados são específicos da rua?	Já ouvi em conversas exploratórias que aprendem a: Manguear, Respeitar, Pensar estrategicamente, Roubar, Fumar pedra, Se proteger, Enfrentar o preconceito etc.
Conta como você aprende cada uma dessas ações. Quando, onde, intenção de aprender, porque aprender essas coisas é importante?	Explorar todo o processo de aprendizado: Como aprende? Com quem aprende? Por que aprende? Você gosta de desenvolver essa prática?
Quem aprende na rua também ensina? O que? Como?	Explorar todo processo de ensinar na rua: O que ensina? Como aprendeu a ensinar? Por que ensina? Gosta de ensinar essa prática?
Para você, a vida na rua é passageira ou permanente? Por quê?	Saber se a pessoa pensa em sair da rua, se ela pensa em maneiras de fazer isso, se alguém a ajuda ou ajudará nesse processo.
Qual é a maior dificuldade da vida na rua? O que você faz para lidar com essa dificuldade?	
Qual é a maior facilidade da vida na rua?	
Como você acha que a partir da vida na rua, das facilidades e dificuldades comentadas anteriormente, você pode retirar as forças, estímulos ou outro elemento para sair dessa situação?	Aqui observar questões como os aprendizados obtidos na vida na rua; As relações interpessoais; Os aspectos objetivos, subjetivos e estruturais levantados na monografia.
Como as pessoas que não vivem na rua a enxergam ou pensam sobre a vida na rua? O que você pensa sobre a vida na rua?	Pedir para a pessoa responder essa pergunta a partir da sua experiência na rua.
Quais assuntos você acha importantes colocarmos em um trabalho sobre a vida na rua?	Para que as pessoas conheçam toda a sua complexidade.

A transcrição e organização dos dados obtidos nas entrevistas, possibilitou o destaque de palavras e/ou frases que foram organizadas dentro de 3 grandes temas: *A rua; Viver na rua e Processos educativos na rua e Propostas* (Quadro 3).

Quadro 3. Distribuição dos dados obtidos na entrevista com Rafaela.

TEMA	CATEGORIA	FALA
A RUA / VIVER NA RUA	<p>A rua é um mundo Amizade Fica na rua em uma casa abandonada Não tem nada, não tem água, não tem luz A primeira experiência foi estranha, você não conhece ninguém, não sabe nada É um pouco céu aberto É ir sobrevivendo Droga e álcool não é tudo Falta de moralização Falta de estrutura familiar Manter / cuidar da saúde na rua é difícil É passageira É permanente Experiência sem fim Sociedade vê as pessoas que vivem na rua com malícia A existência de pessoas que vivem na rua não vai acabar A vida na rua é uma grande experiência</p>	<p>“Vida na rua é assim, é onde que você apanha, chora e ninguém vê. Por que? Você sofre. Pode estar frio, estar calor, você pode dormir com fome e não é sempre que você tem uma comida pra você comer. E é uma vida assim, difícil. Mas se você souber controlar, fica fácil”.</p> <p>“A droga e o álcool não é tudo, principalmente na vida de rua”</p> <p>“[...] a falta de moralização, falta de estrutura na família também, leva a pessoa pra rua e é aonde que a pessoa chega na rua e conhece a droga e o álcool que é os principais efeitos”.</p> <p>“Então, é aonde, na rua principalmente, mulher que mora na rua e faz programa, não tem esse negócio. Se sai por 20,00, não é porque o cara tem 100,00 que vai roubar os 100,00, porque amanhã o cara pode te ajudar por mais 10,00. Entendeu? Então eu acho que a vida na rua é assim mesmo”.</p> <p>“Eu penso em ter uma vida melhor para mim, pro Renato. Quem sabe amanhã ou depois a gente vai ter uma casa pra gente, ter nossa família, viver nossa vida, melhor da que nós estamos vivendo [...] Pretendo sim sair desse mundão de rua, morar em uma casa com ele, viver uma vida diferente”.</p> <p>“[...] é uma experiência que nunca tem fim. É uma coisa que você aprende, aprende e vai levando”.</p> <p>“A pessoa que vê a gente na rua pensa que é só beber, usar droga, roubar. E não é!”</p> <p>“Difícilmente isso vai ser mudado, porque é uma vida que não tem saída. Que sai um hoje, amanhã entra dois, três, quatro”.</p>
OS PROCESSOS EDUCATIVOS	<p>Daniele menciona que na rua aprendeu: A viver Fazer amizades Com quem deve conversar e com quem não conversar Para sobreviver Trabalhar (reciclagem, olhar carros, bordar um chinelo) Se controlar (evitar álcool, drogas, companhias inadequadas) Colocar os eixos nos lugares para gostar da vida na rua Dar valor em pequenas coisas Levar essa vida Gostar mais de si própria Se valorizar mais Se alimentar Preservar / cuidar da saúde Ajudar a si próprio e aos outros Ela fala que ensina: O que é bom e o que é ruim A evitar altos e baixos Pedir A não usar determinados tipos de drogas Dar valor à vida</p>	<p>Colocar os eixos nos lugares é: “[...] saber viver uma vida digna, entendeu? Uma coisa que eu nunca aprendi a fazer na rua: foi roubar. Se prostituir sim, mas roubar não. Então é aonde você vai aprendendo as coisas”.</p> <p>“Você tem que aprender muito. É como diz o ditado, né, amar a Deus sobre todas as coisas, então começa por aí. Aí é saber levar essa vida. Eu aprendi a gostar mais de mim, aprendi a me dar mais valor, evitar as drogas e o álcool. Eu consegui bastante evitar isso aí”.</p> <p>“[...] No dia a dia você vai aprendendo, cada dia que passa você vai aprendendo, o que é uma alimentação, o que é uma vida, o que é uma saúde, aí você vai aprendendo”.</p> <p>“Que eu ensinei? Foi viver na unidade. É você, mais uns moradores de rua conviver com outros moradores de rua aonde junta tudo para ir comer, para beber, para dormir, para dividir uma coberta, entendeu? Então é aonde que você ensina bastante”.</p> <p>“[...] evitar, né, altos e baixos, porque na rua é o que mais tem, altos e baixos. Então, você tá numa casa com a pessoa que você gosta, então, vamos viver em luz e não na escuridão”.</p> <p>“Você sabendo pedir você sempre tem”.</p> <p>Rafaela aprendeu a pedir “vendo os outros na rua pedindo”.</p>
PROPOSTAS	<p>Enxergar e reconhecer o outro como outro e não como objeto.</p>	<p>“A pessoa tinha que enxergar melhor. [...] Que aquelas pessoas que estão na rua, não são os lixos que elas jogam fora”.</p> <p>“Quem tá dentro da casa pensa que na rua tá tudo dos avessos, mas não é. Vai ver, a pessoa tá naquela dificuldade. [...] as pessoas tem que enxergar as pessoas como elas são, não como elas querem que seja. É a única coisa”.</p>

A análise dos dados obtidos a partir do aprofundamento dos temas geradores evidenciou 5 categorias analíticas que se constituíram como dimensões da prática social investigada, possíveis de serem captadas pela pesquisa em questão.

1) ***“As pessoas que estão na rua não são os lixos que a sociedade joga fora”***, configurou-se como a dimensão da busca por *ser mais* do sujeito social que vivifica a rua. Ao contrário do que o senso comum expressado pelas mídias de massa ou pela opinião pública afirma – de que a população de rua é constituída por pessoas desviantes – suas vozes exprimiram que “não é!”. Rafaela afirmou que “A pessoa que vê a gente na rua pensa que é só beber, usar droga, roubar. E não é! A pessoa tinha que enxergar melhor”. Por meio dessa categoria foi possível perceber que há intensa busca por resgatar a humanidade roubada empreendida pela população de rua em São Carlos, em meio aos crescentes processos de desumanização;

2) ***“Viver é saber viver. Morar é lavar, passar, cozinhar”*** disse respeito às particularidades entre viver e morar na rua, dado que nos espaços abertos ou em *mocós*¹, mulheres e homens reúnem-se em torno de *banças* que são coletivos marcados por variados aspectos que os definem, como as complexas interações sociais, a intensa dinâmica de entrada e saída de membros a depender das regras e orientações estabelecidas em seu interior e a territorialidade que expressa e demarca um determinado tipo de *banca* (OLIVEIRA, 2012; MARTINEZ, 2011);

3) ***“Viver na rua é muito difícil, mas é alegre também, sabia?”*** é categoria que evidenciou que a vida que se desenrola na rua é dialética e não determinística e Renatinho trouxe elementos interessantes que contribuiriam com essas reflexões. Ele relatou que a vida na rua se movimenta entre a condição de transitoriedade e de permanência. “[...] ela não veio para ficar não”, “é passageira”. Esses tempos pra trás eu fui trabalhar, fiquei três meses pagando água, luz, casa, me injuriei e falei “vou voltar pra rua” e voltei”.

4) ***“A rua é um mundo”*** trouxe reflexões sobre o horizonte existencial e a totalidade de sentidos que os sujeitos vão atribuindo à vida na rua no decorrer do tempo, a partir do qual também evidenciaram percepções e concepções elaboradas sobre a sociedade mais ampla que engloba esse mundo. Quando Rafaela se referiu à rua como um mundo, foi possível interpretar esse espaço-tempo como cotidianidade mundana constituída por mulheres e homens que nela produzem, reproduzem e desenvolvem suas vidas. Esse

¹ Os *mocós* são imóveis desocupados que são habitados pelas pessoas que vivem na rua.

mundo cotidiano é delimitado por um horizonte, sem o qual, segundo Dussel (1977b, p. 14), “nada se nos avanzaría y estaríamos en la oscuridad o en la confusión de imágenes; sería como estar em la profundidad de una mina, de una caverna”;

5) *“Na rua eu aprendi muito, experiências que eu jamais vou esquecer”* desdobrou a dimensão educativa da rua, demonstrando que esse modo de vida se produz, reproduz e desenvolve a partir de processos educativos dinâmicos que contribuem para que mulheres e homens vivam material e simbolicamente, mediatizados pelo mundo da rua. Marcos Silva afirmou que na rua aprende-se “pra ser um pouquinho menor o baque”. Aprende-se para “cuidar de si, pelo menos, manter um pouco da autoestima, da higiene” porque “tem certas coisas que são essenciais, não tem como você ficar sem, mesmo morando na rua”. Os processos educativos são passados, geralmente, dos mais experientes de rua (mais velhos de rua), para os mais novos e inexperientes (Quadro 4).

Quadro 4. Processos educativos desencadeados na prática social *viver no mundo da rua*.

O QUE?	PARA QUE?	COMO?
<ul style="list-style-type: none"> - A ter respeito - A encharcar, manguear, pedir - Evitar altos e baixos - A viver - Fazer amizades - Com quem deve conversar e com quem não conversar - Gostar mais de si - Trabalhar (reciclagem, olhar carros, bordar um chinelo - Se controlar (evitar álcool, drogas, companhias inadequadas) - Dar valor em pequenas coisas 	<ul style="list-style-type: none"> - Para se cuidar - Para ser um pouquinho melhor o baque - Para manter um pouco da autoestima, da higiene - Para sobreviver 	<ul style="list-style-type: none"> - Passando conhecimento - Com pessoas que vivem na rua a mais tempo - Quem aprende também ensina - Sabendo conversar

Acerca das categorias de análise, faz-se importante ressaltar que elas emergiram empiricamente de experiências coletivas, uma vez que para viver/morar na rua as pessoas necessitam estabelecer redes sociais, não só entre seus pares, mas também com outros membros da sociedade mais ampla. Nesse convívio, por vezes conflituoso, as pessoas criam e consolidam processos educativos diversos na busca por produzir, reproduzir e desenvolver a vida na rua. A partir dessas experiências de trabalho e pesquisa com a população de rua em São Carlos e com a ajuda das pesquisas anteriormente realizadas em torno da temática, pode-se conceber que há um aspecto

comum entre os diferentes municípios brasileiros que é o fato dessa prática social potencializar vivências comunitárias configurando modos específicos de ser e estar no mundo da rua.

Segundo Miranda (2013) “A rua se faz comunidade, na rua se vive comunidade. E as pessoas não entendem o que é viver comunidade na rua”. O relato do Magrão da Maloca sobre o respeito em primeiro lugar, a humildade, igualdade e solidariedade necessários à manutenção da vida na rua e à conseqüente formatação de uma família ou de uma comunidade, corroborou a fala de Miranda. Magrão relatou que esteve na rua desde os 7 anos de idade e nela foi criado. Afirmou que a rua é uma família, que é uma cultura que tem suas regras, suas normas, que “não é de qualquer jeito”. Mencionou que tem que aprender a viver na rua e que, mesmo não estando em situação de rua frequenta os espaços de circulação das *bancas* porque considera sua família.

Ao se colocar em evidência os sentidos do viver na rua, pronunciados pelos sujeitos participantes da pesquisa que foram ganhando aprofundamento na medida em que se propôs um mergulho na realidade investigada, constatou-se que a não ser ingenuamente, educadores/as populares críticos/as não podem esperar resultados positivos de um programa, seja educativo ou político, se, desrespeitam a particular visão de mundo que tenha ou esteja tendo o povo (FREIRE, 2005). Nesse sentido, a identificação e melhor compreensão dos saberes de rua, invisíveis a outros membros da sociedade mais ampla, em decorrência do preconceito existente, possa contribuir com a busca pela humanização e do *ser mais* dessa população, além de evidenciar aspectos que possam favorecer que educadores populares e outros profissionais conheçam tal realidade, a fim de subsidiar estratégias de acesso e garantia de direitos.

EPISTEMOLOGIA DA RUA

Os dados coletados pela pesquisa que embasou o presente artigo, comprovaram que ao viverem na rua, as pessoas desenvolvem processos educativos que culminam em um processo incessante de busca por *serem mais*. A partir desses processos, compreendem que “a rua é um mundo” no qual adquirem experiências e conhecimentos que jamais esquecem e que forma uma cultura popular. Acredita-se que não se trata da emergência de uma cultura, no sentido da universalização de princípios, valores e comportamentos que seriam próprios dos desviantes ou dos pobres que vivem na rua, numa tentativa de estigmatização dessa realidade.

Afirma-se, ao contrário, que a partir de experiências comunitárias concretas, onde as pessoas consolidam valores de humildade, solidariedade, igualdade entre seus pares, criando movimentos de resistência a uma ordem sistêmica que os pressiona para suas margens, há a insurgência de uma cultura popular de resistência gerada por complexos processos educativos.

Para Miranda (2013) a população de rua é constituída pelas convivências entre diversas raízes culturais, portanto, é coletividade que evidencia ao restante da sociedade uma acirrada disputa de classes e que se coloca como um conjunto de sujeitos de “processos pedagógicos: que na história foram vítimas de ocultamentos, inferiorizações até de sua sofrida história de afirmação de seus saberes, culturas, identidades” e “de suas pedagogias” (ARROYO, 2014, p. 30). Para o autor,

[...] Ignorar esses povos e suas pedagogias representa uma lacuna intencional nas narrativas da história das ideias e práticas pedagógicas. Qual a intenção dessas ignorâncias? Perpetuar uma das funções da autoidentidade das teorias pedagógicas hegemônicas: ignorar os saberes, valores, culturas, modos de pensar e de se afirmar e humanizar dos povos colonizados, dos trabalhadores para, reafirmando sua inferiorização, afirmar a função da pedagogia de trazê-los para a cultura e o conhecimento legítimos, para a civilização e a maioria (ARROYO, 2014, p. 30).

As teorias de Paulo Freire, Enrique Dussel e de outros autores estudados que situam suas produções no campo da ciência social crítica, junto às vozes dos interlocutores da pesquisa, foram essenciais à compreensão de que ao viverem na rua, mulheres e homens resistem e lutam contra uma ordem injusta que suprime o valor de suas vidas, constituindo-se como sujeitos sociais produtores de conhecimentos elaborados sobre a realidade que vivem. Tal posicionamento político-pedagógico, comungado com os sujeitos da pesquisa, tomaram contornos mais claros a partir das opções teórico-metodológicas que buscaram um diálogo profundo com a vivência concreta dos sujeitos que vivificam a rua.

As escolhas pelos procedimentos metodológicos se diversificaram, na medida em que as pessoas iam se posicionando frente à pesquisa ou dela se afastavam, mostrando que há diferentes motivações pessoais e/ou coletivas demandadas pela própria vida na rua que precisam ser respeitadas por quem dela se aproxima. Esse conjunto de escolhas que vão sendo empreendidas ao longo do processo investigativo na Educação Popular, parte de uma questão complexa sugerida por Paulo Freire no

conjunto de sua obra que se resume ao seguinte: *A favor de quem, contra quem?* E que ele explica assim:

Não posso estar seguro do que faço se não sei como fundamentar cientificamente a minha ação se não tenho pelo menos algumas ideias em torno do que faço, de por que faço, para que faço. Se pouco ou nada sei sobre ou **a favor de que e de quem, de contra que e contra quem** faço o que estou fazendo ou farei. Se não me move em nada, se o que faço fere a dignidade das pessoas com quem trabalho, se as exponho a situações vexatórias que posso e devo evitar, minha insensibilidade ética, meu cinismo me contra-indicam a encarnar a tarefa do educador. Tarefa que exige uma forma criticamente disciplinada de atuar com que a educadora desafia seus educandos. Forma disciplinada que tem que ver, de um lado, com a competência que a professora vai revelando aos educandos, discreta e humildemente, sem estardalhaços arrogantes; de outro, com o equilíbrio com que a educadora exerce sua autoridade – segura, lúcida, determinada (FREIRE, 1997, p. 40).

A pesquisa que sustentou essas reflexões possibilita afirmar que a partir desses modos de ser e estar no mundo, impulsionados pela lógica totalitária que oprime, as pessoas que vivem na rua reinventam sua cotidianidade, buscando resgatar a humanidade roubada e os caminhos para *serem mais*. Os sujeitos que vivificam a rua são produtores de saberes e de um jeito de viver, de trabalhar, de ser, de estar que perpassam suas opções e posturas frente à realidade e ao mundo em que vivem. E o desvelamento dessas constatações se deu a partir de um fazer científico que valoriza e legitima as epistemologias da rua e seus sujeitos, mediatizados por uma cotidianidade que co-existe dialeticamente com a negação da vida e com diversas formas de violência, entretanto, que é constituída essencialmente por quem resiste e luta na esperança por dias melhores.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BRANDÃO, C. R. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo**. Sociedade e cultura: Revista de Ciências Sociais. Goiânia, v. 10, n. 001, p. 11-27, jan./jun. 2007.

BURSZTYN, Marcel (org.). **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

COSTA, Daniel de Lucca. **A rua em movimento**: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, SP, 2007.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia de la Liberación**. 1. ed. México: EDICOL, 1977a. 234 p. Disponível em: < <http://www.enriquedussel.com/libros.html#>>. Acesso em: abr. 2012.

DUSSEL, Enrique. **Introducción a una filosofía de la liberación latinoamericana**. 1. ed. México: Extemporaneos, 1977b. 149 p. Disponível em: < <http://www.enriquedussel.com/libros.html#>>. Acesso em: abr. 2012.

DUSSEL, Enrique. El programa científico de investigación de Karl Marx (Ciencia funcional y crítica). In: **Hacia una filosofía política crítica**. Bilbao: Ed Desclée de Brouwer, 2001, p. 1 - 24. Disponível em: < <http://www.enriquedussel.com/libros.html#>>. Acesso em: abr. 2012.

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação**: na idade da globalização e da exclusão. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 671 p.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Utopia. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 412-413.

MARTINEZ, Mariana Medina. **Andando e parando pelos trechos**: uma etnografia das trajetórias de rua. 2011. 166 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. Quem vocês pensam que (elas) são? – representações sobre as pessoas em situação de rua. In: **Psicologia e Sociedade**, 16 (2): p.47-58; maio/ago. 2004.

MIRANDA, Anderson Lopes. [2 de abril, 2013]. São Paulo. **Entrevista concedida à autora**. No prelo.

MOURA, R. M. **Epidemia nacional, crack já está em 98 de cada 100 cidades brasileiras**. O Estado de São Paulo, São Paulo, p. C1, 14 dez. 2010.

OLIVEIRA, Luciano Márcio Freitas de. **Circulação e Fixação: o dispositivo de gerenciamento dos moradores de rua em São Carlos e a emergência de uma população**. 2012. 147p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Maria Waldenez; STOTZ, Eduardo Navarro. **Perspectivas de diálogo no encontro entre organizações não governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico**. In: Reunião da ANPED "Sociedade, Democracia e Educação: qual Universidade?" GT - Educação Popular, 27^a., 2004, Caxambu-MG. Anais... Em CD ROM. P. 1-16.

SANTOS, Boventura de Souza; MENESES, Maria Paula (orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei (orgs). **População de rua: quem é, como vive, como é vista**. São Paulo: 1992.